

*Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro – Técnico Administrativo  
Nível Superior*

*Banca: NCE*

*Prova realizada no ano de 2007*

*Colaborador: Henrique Nuno Fernandes*

## TEXTO I

Sustentabilidade, Consumo e Publicidade

*Lisa Gunn*

1. Nos últimos cinquenta anos, a população mundial
2. mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6
3. bilhões (2000). Durante esse mesmo período, a
4. industrialização permitiu que o consumo aumentasse
5. exponencialmente; como conseqüência, a poluição e o
6. lixo também aumentaram. Já faz algum tempo que o
7. planeta vem dando sinais de que não pode suportar o
8. nosso modo de vida, e estudos indicam que hoje, mesmo
9. com grande parte da população mundial excluída, já
10. consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais
11. renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar.
12. Ainda há uma dificuldade em relacionar os
13. problemas ambientais aos nossos hábitos de consumo
14. cotidianos. Quando compramos uma roupa, não
15. pensamos nos agrotóxicos usados na plantação de
16. algodão ou no trabalho escravo encontrado nas fazendas.
17. Entretanto, se queremos justiça social e preservação
18. da natureza, vamos ter de mudar nossos hábitos de
19. consumo.
20. Nossa sociedade é chamada de "sociedade de
21. consumo" porque consumir se tornou uma atividade
22. cotidiana que foi além da idéia inicial de satisfazer
23. necessidades para se tornar até uma doença.
24. Consumimos de forma impulsiva, e "ser alguém" passa a
25. estar associado à posse de determinados produtos ou ao
26. uso de determinados serviços.
27. O consumismo não existiria sem a publicidade,
28. ferramenta fundamental para influenciar padrões de
29. consumo, formar estilos de vida e, conseqüentemente,
30. criar necessidades que, independentemente de serem
31. físicas e biológicas, podem ser psicossociais. A

32. publicidade é a ponte entre a produção e o consumo:
33. demonstra a necessidade de se consumir um produto ou
34. um serviço para que tenhamos certo estilo de vida ou
35. possamos pertencer a determinada "tribo".
36. Precisamos desenvolver nossa capacidade de avaliar
37. criticamente as peças publicitárias para evitar a
38. manipulação da nossa liberdade de escolha.
39. As empresas devem compreender que a
40. sustentabilidade – entendida como viabilidade
41. econômica, justiça social e conservação ambiental –,
42. somada à responsabilidade social empresarial, será
43. atributo considerado essencial, e não apenas
44. diferenciador.

*In TRIGUEIRO, André. Mundo Sustentável.  
S. Paulo: 2005, p. 39 (fragmento)*

01 - O texto I, em sua linha de argumentação, defende a tese de que:

- (A) a publicidade, ponte entre a produção e o consumo, tem de levar em conta prioritariamente a justiça social;
- (B) o sinal de que o planeta não pode suportar nosso modo de vida é o grande percentual de excluídos;
- (C) o consumo que se dá de forma impulsiva é sintoma do grave desequilíbrio ambiental a que chegou o planeta;
- (D) a sustentabilidade e a responsabilidade social são ambas imprescindíveis às empresas nesse momento;
- (E) as necessidades de consumo de natureza psicossocial atestam a devastação de nosso meio ambiente.

1. Resposta: D – A tese do texto encontra-se explicitada no último parágrafo do texto: “As empresas devem compreender que a sustentabilidade – entendida como viabilidade econômica, justiça social e conservação ambiental –, somada à responsabilidade social empresarial, será atributo considerado essencial, e não apenas diferenciador”.

Comentário:

- a) Item errado – Não se afirma no texto que a publicidade tem de levar em conta prioritariamente a justiça social; ela desempenha seu papel – ponte entre a produção e o consumo. Na realidade, isto sim, o autor declara que “Precisamos desenvolver nossa capacidade de avaliar criticamente as peças publicitárias para evitar a manipulação da nossa liberdade de escolha”.
- b) Item errado – A referência ao grande percentual de excluídos serve para mostrar que, apesar da grande exclusão, que teoricamente nos permitiria inferir que o consumo não seria tão intenso, “já consumimos 20% por ano a

mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar”. Podemos deduzir, então, que se não houvesse um número tão grande de excluídos, o problema seria ainda maior.

- c) Item Errado – O consumo impulsivo não é sintoma (causa) do grave desequilíbrio ambiental a que chegou o planeta; o grave desequilíbrio ambiental a que chegou o planeta é que é consequência do consumo impulsivo.
- e) Item errado – As necessidades de consumo de natureza psicossocial não atestam (provam) a devastação de nosso meio ambiente; essas necessidades são causa da degradação intensa de nosso meio ambiente.

02 - Segundo o texto I:

- (A) a publicidade gera necessidades artificiais;  
(B) o consumo não existiria sem a publicidade;  
(C) o consumo é uma atividade em si destrutiva;  
(D) a publicidade impede a avaliação crítica;  
(E) a sustentabilidade é antagônica à publicidade.

2. Resposta: A – Segundo o texto, a publicidade gera necessidades artificiais. Vejamos o que diz o texto: “O consumismo não existiria sem a publicidade, ferramenta fundamental para influenciar padrões de consumo, formar estilos de vida e, conseqüentemente, criar necessidades que, independentemente de serem físicas e biológicas, podem ser psicossociais”. Chamar as necessidades criadas pela publicidade de “psicossociais”, significa dizer que não são “naturais”, mas artificiais.

Comentário:

- b) Item errado – Não é o consumo que não existiria sem a publicidade, mas, sim, o consumismo, que é um “consumo exagerado”. Observemos o texto: “O consumismo não existiria sem a publicidade”.
- c) Item errado – O que é em si destrutivo é o consumismo, e, não, o consumo.
- d) Item errado – A publicidade não impede a avaliação crítica; o que se deduz é que nossa capacidade de avaliação crítica não está desenvolvida suficientemente: “Precisamos desenvolver nossa capacidade de avaliar criticamente as peças publicitárias para evitar a manipulação da nossa liberdade de escolha”.
- e) Item errado - A sustentabilidade não é antagônica à publicidade; a publicidade é que é antagônica (contrária) à sustentabilidade.

03 - Em diversos momentos do texto, a autora usou a primeira pessoa do plural para:

- (A) assumir a responsabilidade por suas idéias;

- (B) conferir um traço sentimental ao texto;
- (C) equiparar o leitor aos publicitários;
- (D) isentar a si mesma de responsabilidade;
- (E) tornar o leitor também responsável.

3. Resposta: E – O emprego da primeira pessoa do plural indica que o autor inclui no texto a voz dos leitores, tornando o texto mais interativo, ou seja, o leitor é também participante das afirmações do texto.

04 - A idéia que a palavra "exponencialmente" (l. 5) expressa está mantida em:

- (A) inversamente;
- (B) irreversivelmente;
- (C) intensamente;
- (D) minimamente;
- (E) adequadamente.

4. Resposta: C – É uma questão de sinonímia. O termo "exponencialmente" significa "intensamente".

05 - O trecho "Durante esse mesmo período, a industrialização permitiu que o consumo aumentasse exponencialmente" (l.3) contém dois verbos. O primeiro deles está empregado com o valor literal de:

- (A) consentir;
- (B) liberar;
- (C) possibilitar;
- (D) autorizar;
- (E) admitir.

5. Resposta: C – O sentido literal (denotativo) de "permitir" é "possibilitar".

Vejamos o sentido literal dos demais verbos:

- a) consentir = concordar;
- b) liberar = desobrigar;
- d) autorizar = dar autorização;
- e) admitir = reconhecer.

06 - A palavra "entretanto", que inicia o 3º parágrafo, foi empregada para introduzir:

- (A) a exemplificação de uma idéia a partir de um novo argumento;
- (B) a contraposição a ser estabelecida entre uma solução e um problema;

- (C) o reforço de uma opinião polêmica anteriormente defendida;
- (D) a confirmação de uma idéia sugerida no parágrafo anterior;
- (E) a negação de uma tese contrária à que está sendo defendida.

6. Resposta: B – A palavra "entretanto", conectivo adversativo, opõe (contrapõe) uma solução a um problema: a dificuldade em relacionar os problemas ambientais aos nossos hábitos de consumo cotidianos (problema) e a necessidade de mudança de nossos hábitos de consumo, se desejamos que haja justiça social e preservação da natureza (solução).

07 - O primeiro parágrafo emprega por duas vezes a palavra "já". Seus valores morfológicos são idênticos, mas semanticamente se distinguem. A frase abaixo em que a palavra "já" está empregada com um terceiro valor semântico é:

- (A) A sociedade já teve atitudes mais firmes;
- (B) Se houver apagão, já sabemos o motivo;
- (C) Os estudos já estão publicados na imprensa;
- (D) Todos já começam a se preocupar com o futuro;
- (E) Faz já décadas que a poluição é grande.

7. Resposta: A – Vejamos o valores semânticos do advérbio "já" no primeiro parágrafo. Em "*Já faz algum tempo que o planeta vem dando sinais de que não pode suportar o nosso modo de vida*", o advérbio "já" refere-se "a tempo anterior; em "*Já consumimos 20% por ano a mais de recursos naturais renováveis do que o planeta Terra é capaz de regenerar*", "já" indica uma ação iniciada no passado e sua continuidade no presente. Na alternativa A, o advérbio "já" expressa um terceiro valor semântico: uma ação que se realizava no passado, mas que agora não se realiza mais.

Comentário:

- b) O advérbio "já" expressa ação anterior: se houver apagão, anteriormente (antecipadamente) sabemos o motivo;
- c) O advérbio "já" expressa ação anterior: os estudos foram publicados no passado.
- d) O advérbio "já" indica uma ação iniciada no passado e sua continuidade no presente: começamos a nos preocupar no passado e continuamos a nos preocupar no presente.
- e) O advérbio "já" exprime uma ação iniciada no passado e sua continuidade no presente: a poluição era grande no passado e permanece grande no presente.

08 - Na expressão "O consumismo não existiria sem a publicidade" (l. 27), o sintagma "sem a publicidade" relaciona-se com o verbo "existir" atribuindo-lhe um argumento:

- (A) concessivo;
- (B) condicional;
- (C) consecutivo;
- (D) explicativo;
- (E) temporal.

8. Resposta: B – O sintagma "sem a publicidade" relaciona-se com o verbo "existir" atribuindo-lhe um argumento condicional (hipotético). Trata-se de uma situação que poderia ocorrer (dependente de uma determinada condição), mas não ocorreu. Dizer que "*O consumismo não existiria sem a publicidade*" significa que "Se não existisse a publicidade (condição hipotética), então o consumismo não existiria.

09 - A passagem "Precisamos desenvolver nossa capacidade de avaliar criticamente as peças publicitárias" (l. 36) emprega a preposição DE segundo os padrões prestigiados da língua. O mesmo poderia ser dito se a autora tivesse empregado as preposições:

- (A) a & em;
- (B) a & por;
- (C) com & por;
- (D) com & para;
- (E) em & para.

9. Resposta: E – A questão refere-se a regência nominal. O vocábulo "capacidade" exige um complemento nominal iniciado por uma destas preposições: de, em e para (quem tem capacidade, tem capacidade de avaliar, tem capacidade em avaliar, tem capacidade para avaliar).

10 - Há uma correlação nos tempos verbais da frase "Entretanto, se queremos justiça social e preservação da natureza, vamos ter de mudar nossos hábitos de consumo" (l. 17). O verbo da oração entre vírgulas está no presente do indicativo, mas poderia ser colocado no futuro do subjuntivo. Caso isso fosse feito, uma das possibilidades de completar coerentemente a correlação seria:

- (A) ...vamos ter de mudar nossos hábitos de consumo;
- (B) ...teremos de mudarmos nossos hábitos de consumo;
- (C) ...mudaremos nossos hábitos de consumo;
- (D) ...ir-nos-emos mudar os hábitos de consumo;
- (E) ...mudar-nos-emos os hábitos de consumo.

### Correlação Verbal

Correlação verbal é a harmonia entre dois ou mais verbos de um período.

1. Primeiro verbo: presente do indicativo – o(s) outro(s) verbo(s): presente do subjuntivo.  
*Espero que você me ouça e dê sua opinião.*
2. Primeiro verbo: presente do indicativo – o(s) outro(s) verbo(s): pretérito perfeito composto.  
*Espero que ele me tenha ouvido e tenha dado sua opinião.*
3. Primeiro verbo: pretérito imperfeito do indicativo: – o(s) outro(s) verbo(s): pretérito imperfeito do subjuntivo.  
*Esperava que você me ouvisse e desse sua opinião.*
4. Primeiro verbo: pretérito perfeito do indicativo – o(s) outro(s) verbo(s): pretérito imperfeito do subjuntivo.  
*Esperaj que ele me desse sua opinião.*
5. Primeiro verbo: futuro do indicativo – o(s) outro(s) verbo(s): presente do subjuntivo.  
*Esperarej que você me ouça e dê sua opinião.*
6. Primeiro verbo: futuro do presente do indicativo – o(s) outro(s) verbo(s): futuro do subjuntivo.  
*Viajarei quando tiver dinheiro e estiver em férias.*
7. Primeiro verbo: futuro do pretérito do indicativo – o(s) outro(s) verbo(s): pretérito imperfeito do subjuntivo.  
*Viajaria se tivesse dinheiro e estivesse em férias.*
8. Primeiro verbo: futuro do pretérito do indicativo – o(s) outro(s) verbo(s): pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.  
*Ficaria feliz se você tivesse conseguido aquele emprego.*
9. Primeiro verbo: Futuro do pretérito composto do indicativo – o(s) outro(s) verbo(s): pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.  
*Eu teria viajado, se tivesse tido dinheiro e tivesse estado em férias.*
10. Primeiro verbo: futuro do subjuntivo – o(s) outro(s) verbo(s): futuro do presente composto do subjuntivo.  
*Quando eu entrar em férias, você já terá regressado de Fortaleza.*
10. Resposta: A – A primeira pessoa do plural do futuro do subjuntivo do verbo “querer” é “quisermos”. Percebemos que, de acordo com a correlação verbal, o

futuro do subjuntivo exige o futuro do indicativo. Então a frase ficaria assim: "Entretanto, se quisermos justiça social e preservação da natureza, teremos de mudar nossos hábitos de consumo". Desse modo, eliminaremos as alternativas C, D e E. A alternativa A, embora apresente o tempo adequado, tem o verbo mal flexionado (não é "teremos de mudarmos", mas "teremos de mudar"). Resta-nos, então, a opção A. Podemos usar o presente do indicativo do verbo "ir", seguido do infinitivo do verbo principal (ter), para indicar uma ação futura imediata (= vamos ter de mudar). Assim, a alternativa A está correta. Vejamos então como ficaria a nova redação da frase: "Entretanto, se quisermos justiça social e preservação da natureza, vamos ter de mudar (ou teremos de mudar) nossos hábitos de consumo".

11 - "Nossa sociedade é chamada 'sociedade de consumo' porque consumir se tornou uma atividade cotidiana" (l. 20). Assinale a opção que NÃO mantém na segunda oração a idéia causal:

- (A) ...conquanto consumir se tornou uma atividade cotidiana;
- (B) ...porquanto consumir se tornou uma atividade cotidiana;
- (C) ...visto que consumir se tornou uma atividade cotidiana;
- (D) ...uma vez que consumir se tornou uma atividade cotidiana;
- (E) ...que consumir se tornou uma atividade cotidiana.

11. Resposta: A – O conectivo “conquanto” é concessivo (indica oposição).

12 - O emprego da palavra SE, em "a necessidade de se consumir um produto." (l. 33), é o mesmo que se encontra em:

- (A) Não se destrói assim uma vida;
- (B) Ninguém sabe se ele viajará;
- (C) Os dois se encararam com espanto;
- (D) Aos poucos se esqueceu das dores;
- (E) Nada poderemos fazer se faltares.

12. Resposta: A – Tanto no enunciado quanto na alternativa A o termo “se” é pronome apassivador: "a necessidade de se consumir um produto" = “a necessidade de um produto ser consumido”; “Não se destrói assim uma vida” = “Uma vida não é destruída assim”.

Observação: Pronome apassivador ou partícula apassivadora – Forma a voz passiva sintética. É usado com verbos transitivos diretos, e transitivo diretos e indiretos. (= verbo + se + o quê – Vendem-se livros = Vendem (verbo) + se + livros (o quê); Oferecem-se livros aos alunos = Oferecem (verbo) + se + livros (o quê). Uma maneira prática de se descobrir se o “se” é pronome apassivador é tentar transformar a voz passiva sintética na voz passiva

analítica equivalente: Vendem-se livros = Livros são vendidos; Oferecem-se livros aos alunos = Livros são oferecidos aos alunos.

Comentário:

b) O “se” é conjunção integrante. (Ninguém sabe se ele viajará = Ninguém sabe ISSO).

Observação: Conjunção integrante – Forma oração subordinada substantiva. Maneira prática de descobrir se é conjunção integrante: Se + oração = ISSO. Vejamos: Não sei se você voltará = Não sei ISSO.

c) O “se” é pronome reflexivo recíproco. (Os dois se encararam com espanto = Os dois encararam com espanto um ao outro.)

Observação: Pronome reflexivo recíproco – Indica uma ação mútua. Modo prático: pode ser substituído por “um ao outro” / “uns aos outros” / “um com o outro” / “uns com os outros” / “entre si” / “mutuamente”. Observemos: Eles amam-se. (um ao outro / uns aos outros). / Nós encontramos-nos. (um ao outro / uns aos outros).

d) O “se” é parte integrante do verbo. Trata-se de um verbo acidentalmente pronominal. Em “Aos poucos se esqueceu das dores” o verbo é acidentalmente pronominal. Observemos que existe o verbo “esquecer” sem o pronome: “Aos poucos esqueceu a dor.”

Observação: Parte integrante do verbo – É usado com verbos essencialmente pronominais, isto é, com verbos que sempre se conjugam com o pronome “se”: (aborrecer-se, zangar-se, queixar-se, condoer-se, apaixonar-se, esforçar-se, ajoelhar-se, etc.) e com verbos acidentalmente pronominais, ou seja, com verbos que possuem mais de uma regência (esquecer-se – existe “esquecer” sem pronome; agitar-se – existe “agitar” sem o pronome, etc.).

e) O vocábulo “se” é conjunção condicional: Nada poderemos fazer se faltares = Nada poderemos fazer no caso de faltares.

Observação: Conjunção condicional – Introduce oração adverbial condicional. O conectivo “se” pode ser substituído por “no caso de”: Se estudares, farás boa prova = No caso de estudares, farás boa prova. Observemos que a condição necessária para que se faça boa prova é “estudar”.

13 - A autora utiliza a palavra "tribo" (l. 35), valendo-se de um recurso de linguagem também presente em:

- (A) Chorei porque estava com raiva;
- (B) Ele está perdidamente apaixonado;

- (C) Machuquei o céu da boca;
- (D) Elas falam pelos cotovelos;
- (E) Deixamos nossos trastes no hotel.

13. Resposta: E – Há no enunciado a troca de um termo por outro, dada a relação de semelhança ou a possibilidade de associação entre eles. Associou-se um grupo social a “tribo”; da mesma forma se relacionou “pertences sem grande valor” a “trastes”.

14 - As palavras "também" (l. 6), "excluída" (l. 9) e "renováveis" (l. 11), respectivamente, recebem acento pelo mesmo motivo que:

- (A) éden – período – ministério;
- (B) convêm – conteúdo – anéis;
- (C) talismãs – lusíada – petróleo;
- (D) freguês – açai – jóquei;
- (E) parabéns – balaústre – deixá-las.

14. Resposta: D – Os vocábulos "também" / "freguês" , "excluída" / "açai" e "renováveis" / "jóquei" porque pertencem , respectivamente, às regras das oxítonas, do "i" e do "u" dos hiatos e das paroxítonas.

#### Comentário:

- a) Item Errado – éden (paroxítona); período (proparoxítona); ministério (paroxítona terminada em ditongo);
- b) Item Errado – convêm (recebem acento agudo as formas verbais derivadas dos verbos ter e vir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (= são oxítonas terminadas por “em”), e acento circunflexo na 3ª pessoa do plural: ele convém / eles convêm; ele mantém / eles mantêm); conteúdo (“i” e do “u” dos hiatos); anéis (ditongo aberto);
- c) Item Errado – talismãs (paroxítona); lusíada (proparoxítona); petróleo (paroxítona terminada em ditongo crescente);
- e) Item Errado – parabéns (oxítona); balaústre (“i” e do “u” dos hiatos); deixá-las (oxítona).

15 - Assim como está adequado o emprego de À antes de "responsabilidade" (l. 42), também está correto o uso do acento de crase em:

- (A) Solicitei à V.Sa a observância deste dispositivo;
- (B) Fomos chamados à prestigiar a solenidade à toa;
- (C) Para evitar à fraude, assinarei as carteiras à mão;
- (D) Compram comida à quilo e querem comer à jato;
- (E) À uma hora, assistiremos à chegada do novo chefe.

15. Resposta: E – Em “À uma hora” há crase visto tratar-se de locução adverbial feminina. Nas expressões que indicam o número de horas, ocorre crase. Lembremo-nos de que se a hora estiver indeterminada, não haverá crase: Saí de lá a uma hora qualquer. Em “assistiremos à chegada do novo chefe” também há crase a expressão “à chegada do novo chefe” é objeto indireto (assistiremos à chegada do novo chefe – assistiremos ao encontro do novo chefe).

Comentário:

- a) Item errado – Não há crase antes de pronomes de tratamento. Correção: Solicitei a V.Sa a observância deste dispositivo;
- b) Item errado – No primeiro caso o acento de crase está errado, uma vez que não há crase antes de verbo. Correção: Fomos chamados a prestigiar; em “à toa”, o emprego do acento indicador de crase está correto, pois essa expressão é um adjunto adverbial feminino.
- c) Item errado – Em “à fraude” não existe crase visto que essa expressão é objeto direto (evitar a fraude – evitar o mal); o emprego do acento de crase está correto em “à mão” dado que essa expressão é uma locução adverbial feminina.
- d) Item errado – Não há crase antes de palavras masculinas. Correção: Compram comida a quilo e querem comer a jato;

TEXTO II

Jovens Endividados

*Vítimas do consumismo e do crédito fácil, eles gastam mais do que ganham e devem mais do que podem pagar. A conta sobra para os pais.  
Camilo Vanuchi e Milton Gamez*

1. A casa dos Vieira, no bairro paulistano Alto de
2. Pinheiros, está sempre cheia. Aos 67 anos, o empresário
3. José Vieira ainda divide o sofá da sala e a conta bancária
4. com seus três filhos homens, todos com mais de 25 anos.
5. Dono de uma fábrica de peças de plástico, ele já se
6. conformou com a idéia de viver para sempre com os
7. rapazes. E, quem sabe, com as futuras noras e netos. "Se
8. eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão
9. bem-vindos", diz seu José.
10. Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada
11. vez mais comum na família brasileira contemporânea.
12. São os jovens endividados. Além de adiar a saída de casa,
13. mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar

14. trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas  
15. despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas.  
16. Pior: acumulam dívidas. Muitos estão simplesmente  
17. falidos e entram na lista negra das entidades de proteção  
18. ao crédito. A fatia dos jovens no universo dos  
19. inadimplentes cresce de forma assustadora: 10% deles  
20. têm até 20 anos e 39% têm idade entre 21 e 30 anos (sim,  
21. os balzaquianos também são considerados jovens nos dias  
22. de hoje). Juntos, os consumidores até 30 anos foram  
23. responsáveis por 49% dos calotes dados em 2006 junto a  
24. bancos, administradoras de cartão de crédito e  
25. financeiras. Em 2005 somaram 44%. Os dados foram  
26. divulgados pela Telecheque. "Os jovens tiveram acesso  
27. ao crédito fácil demais nos últimos dois anos. Ficaram  
28. deslumbrados e perderam o controle", diz Antônio

*Praxedes, vice-presidente da Telecheque.  
Revista Isto É, 24/01/2007, p. 64-5 (fragmento)*

16 - Segundo o texto, a causa do endividamento dos jovens é:

- (A) a atitude acolhedora dos pais que os mantêm no conforto do lar;
- (B) a estrutura da família contemporânea que gasta mais do que ganha;
- (C) as restrições impostas pelos bancos para eles quitarem as dívidas;
- (D) a necessidade de ajudar nas despesas da casa ao término da faculdade;
- (E) a facilidade de obtenção de crédito junto às instituições financeiras.

16. Resposta: E – O acesso ao crédito fácil junto às instituições financeiras é a causa do endividamento dos jovens: "*Vítimas do consumismo e do crédito fácil, eles gastam mais do que ganham e devem mais do que podem pagar*".

Comentário:

- a) Item errado – A atitude acolhedora dos pais que os mantêm no conforto do lar seria uma razão para que os jovens não se endividassem, já que as despesas seriam pagas pelos pais.
- b) Item errado – Não há no texto qualquer referência aos gastos da família contemporânea, e, sim, aos jovens.
- c) Item errado – Não se alude a restrições impostas pelos bancos para eles quitarem as dívidas. O que se fala é em facilidades para que se tomem empréstimos.
- d) Item errado – Não existe referência à necessidade de ajudar nas despesas da casa ao término da faculdade.

17 - Em sua estrutura discursiva, o texto II:

- (A) analisa primeiro a situação geral para num segundo momento expor casos particulares;
- (B) apresenta opiniões que se contrapõem e as sustenta com exemplos e relatos;
- (C) começa sua argumentação apontando as causas do problema para posteriormente dar soluções;
- (D) narra exemplos da situação em foco para em seguida formular uma hipótese;
- (E) justifica com dados numéricos um questionamento feito na introdução.

17. Resposta: D – O autor narra exemplos da situação em foco (= o endividamento dos jovens) para em seguida formular uma hipótese (= “vítimas do consumismo e do crédito fácil, eles gastam mais do que ganham e devem mais do que podem pagar”).

Comentário:

- a) Item errado – O autor começou o texto com um caso particular (= a família dos Vieiras); a análise da situação geral fica para um segundo momento.
- b) Item errado – Todas as opiniões apresentadas no texto vão na mesma direção argumentativa.
- c) Item errado – Como vimos na alternativa A, o autor começa o texto com um exemplo; não há qualquer referência a soluções para o problema do endividamento dos jovens.
- e) Item errado – Não ocorre nenhum questionamento na introdução do texto.

18 - "Muitos estão simplesmente falidos" (l. 16). O indefinido empregado nesse trecho serve para retomar o termo:

- (A) consumidores;
- (B) balzaquianos;
- (C) moços e moças;
- (D) três irmãos;
- (E) bancos e financeiras.

18. Resposta: C – O pronome indefinido "Muitos" retoma anaforicamente (refere-se a termo anterior) a expressão “moços e moças”. Observemos: “(...) esses mocos e moças não conseguem ajudar nas despesas de casa, nem tampouco pagar as próprias contas. Pior: acumulam dívidas. Muitos (=moços e moças) estão simplesmente falidos e entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito”.

19 - "Os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle", diz José Antônio Praxedes.

A frase acima exemplifica o uso do discurso direto. Transpondo-a para o discurso indireto e evitando-se o emprego do verbo "dizer", uma das possibilidades de reescritura, segundo a língua padrão, é:

- (A) José Antônio Praxedes afirma de que os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle;
- (B) José Antônio Praxedes resume: os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle;
- (C) É que os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle – define José Antônio Praxedes;
- (D) Opina José Antônio Praxedes que os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle;
- (E) José Antônio Praxedes fala em jovens que ficaram deslumbrados e perderam o controle.

19. Resposta: D – Nesta alternativa, o narrador introduz o discurso indireto com um verbo declarativo (opinar) e apresenta a fala da personagem em oração substantiva objetiva direta, iniciada pela conjunção “que”. A frase “Opina José Antônio Praxedes que os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle” na ordem direta não deixaria qualquer dúvida: *José Antonio Praxedes opina que os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle.*

Comentário:

- a) Item errado – O erro é a presença da preposição “de” após o verbo “afirmar” (esse verbo é transitivo direto: quem afirma, afirma algo). Correção: *José Antônio Praxedes afirma que os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle.*
- b) Item errado – Não se usam os dois-pontos no discurso indireto. Os dois-pontos são uma marca do discurso direto. Além disso, o verbo “resumir” possui valor semântico distinto de “dizer”. Correção: *José Antônio Praxedes diz que os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle.*
- c) Item errado – A frase “É que os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle – define José Antônio Praxedes” encontra-se no discurso direto. Correção: *José Antônio Praxedes define os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle.*
- e) Item errado – A expressão “fala em jovens” altera o sentido original da frase (“falar em jovens” significa falar “em quaisquer jovens”). Correção: *José Antônio Praxedes fala que os jovens ficaram deslumbrados e perderam o controle.*

Observação:

“O discurso indireto não transmite as falas tal qual foram ditas. O narrador inclui essas falas no seu próprio discurso, apresentando-as em orações subordinadas completivas (=substantivas). Os verbos dizer, exclamar, observar, acrescentar, perguntar, contestar, etc., servem no discurso indireto para introduzir essas orações completivas: *perguntou-lhe... como estava... / disse... o que sabia... / perguntou-lhe quem era... / respondeu que era... e viera... / ...que tivera*. A oração completiva do discurso indireto também pode ser infinitiva sem conjunção: *O presidente disse estarem a tratar do assunto*. No discurso indireto os acontecimentos aparecem esbatidos, algo distantes, porque o narrador não os transporta para aquele próprio momento, ao contrário do que acontece no discurso direto. Mas, em contrapartida, o discurso indireto permite desenvolver com mais facilidade as descrições e as análises”. (Jose Manuel de Castro Pinto & Maria do Céu Vieira Lopes. *Gramática do português moderno*. Plátano Editora. 5ª edição. Lisboa.)

20 - Ao falar sobre o assunto, Praxedes utiliza o conectivo E para ligar os segmentos "ficaram deslumbrados" e "perderam o controle" (l. 27). Há duas relações entre esses dois segmentos: uma de adição, e outra de:

- (A) comparação;
- (B) oposição;
- (C) proporcionalidade;
- (D) causalidade;
- (E) finalidade.

20. Resposta: D – Existe uma relação de causalidade (causa e conseqüência) entre os dois segmentos: (Porque) “ficaram deslumbrados” (causa) – e (= por isso) “perderam o controle” (conseqüência). Em outras palavras: Os jovens perderam o controle por causa do deslumbramento.

Comentário:

Vejamos o que diz Marísia Carneiro (UERJ) sobre “relação de causalidade” em “Argumentação no texto escolar” ([www.filologia.org.br](http://www.filologia.org.br)) : (...) Agora, particularizando nosso conceito de argumentação, segundo o modelo aqui adotado, assumimos que o modo de organização argumentativa relaciona a asserção de partida (premissa), a asserção de chegada e a asserção de passagem (argumentos ou provas). Exemplificando, esse tipo de relação, encontramos em textos da seção de esportes do jornal O Globo, que pode ser lido por muitos alunos da 8ª série, o seguinte:

1. *Se o Botafogo está disposto a vencer o Vasco amanhã no peito e na raça, o coletivo de ontem à tarde foi mesmo o mais indicado para exercitar sua estratégia. [14/8/99]*

*A partir do momento em que o comportamento de um jogador - ou de qualquer cidadão - interfere na vida de outras pessoas em locais públicos, por bem ou por mal, me parece que deixa de ser privado. [14/8/99]*

Esses exemplos salientam em primeiro lugar a relação de causalidade implicativa que se identifica entre as duas asserções:

**Asserção de partida (A1) :**

*Se o Botafogo está disposto a vencer o Vasco amanhã no peito e na raça...*

**Asserção de chegada (A2):**

*...coletivo de ontem à tarde foi mesmo o mais indicado para exercitar sua estratégia.*

**]Asserção de partida (A1):**

*A partir do momento em que o comportamento de um jogador - ou de qualquer cidadão - interfere na vida de outras pessoas em locais públicos, por bem ou por mal,...*

**Asserção de chegada ( A 2):**

*...me parece que deixa de ser privado.*

Por conseguinte podemos representar a relação de causalidade implicativa, característica da lógica argumentativa, da seguinte maneira:

*Se (A1) então (A2).*

No modelo da argumentação outro tipo de relação de causalidade é a explicativa. Veja-se o exemplo também extraído do mesmo jornal:

*3. Não sou dos que se interessam pela vida particular dos jogadores, há coisas mais estimulantes para o espírito ( pelo menos o meu),...*

**Asserção de partida (A1):**

*Não sou dos que se interessam pela vida particular dos jogadores,...*

**Asserção de chegada (A2):**

*(porque) há coisas mais estimulantes para o espírito ( pelo menos o meu)...*

A representação da relação de causalidade explicativa se faz assim:

*Se (A1) porque (A2)*

21 - O primeiro sintagma do texto é "A casa dos Vieira", expressão que está sinonimizada de acordo com os padrões da linguagem culta em todas as alternativas abaixo, EXCETO:

(A) A residência dos Vieira;

- (B) O domicílio dos Vieiras;
- (C) A habitação da família Vieira;
- (D) A morada dos Vieira;
- (E) O reconditório do clã Vieira.

21. Resposta: E – O termo “reconditório” está inadequado para o contexto: “essa palavra significa “oculto”, “escondido”, “desconhecido”. Embora não seja comum o emprego de “clã”, segundo o dicionário “Caldas Aulete” um dos significados apresentados por esse termo é “Grupo constituído por uma família”, permitindo-nos, portanto, afirmar que não haveria mudança de sentido se tal palavra fosse usada..

Comentário: As demais expressões são reescrituras perfeitas de “A casa dos Vieira”.

Observação: Como no enunciado o nome “Vieira” (Vieira) está no singular, admite-se “dos Vieira” – alternativas A e D. No entanto, é bom salientar que “os nomes próprios fazem o plural obedecendo às normas dos nomes comuns, e a língua padrão recomenda que se usem no plural, e não no singular.” (Bechara). Assim, está correta a forma “dos Vieiras” – alternativa B.

22 - Ao empregarem o advérbio SIM no trecho colocado entre parênteses (l. 20), os autores pretendem:

- (A) reiterar uma informação presente anteriormente no texto;
- (B) justificar uma informação aparentemente fora do senso comum;
- (C) antecipar uma resposta a uma dúvida típica dos jovens;
- (D) propor uma pausa para reflexão sobre o assunto discutido;
- (E) dar ênfase a uma idéia que fundamenta a argumentação do texto.

22. Resposta: B – Emprega-se, neste caso, o advérbio “sim” com valor de verdade, isto é, contrapõe-se a possíveis contestações. Lembremo-nos de que o termo “balzaquiano” apareceu para caracterizar as mulheres de 30 anos, personagens maduras, apresentadas na obra do romancista francês Honoré de Balzac.

23 - Nesse mesmo trecho, a inversão da ordem das palavras poderia modificar seu conteúdo. É o que ocorre em:

- (A) Os balzaquianos também são considerados jovens nos dias de hoje, sim;
- (B) Sim, nos dias de hoje, os balzaquianos são considerados jovens também;
- (C) Nos dias de hoje, os balzaquianos também são considerados jovens, sim;
- (D) Também são considerados jovens, nos dias de hoje, os balzaquianos, sim;
- (E) Sim, também nos dias de hoje os balzaquianos são considerados jovens.

23. Resposta: E – No texto, a oração “sim, os balzaquianos também são considerados jovens nos dias de hoje” significa que antigamente os balzaquianos não eram considerados jovens, e que hoje o são. Na opção E, o uso de “também” antes de “nos dias de hoje” confere à oração a seguinte interpretação: antigamente os balzaquianos eram considerados jovens, e hoje igualmente são considerados jovens.

24 - O texto fornece informações sobre o empresário José Vieira. A estrutura sintática que reúne algumas delas numa única frase está adequada aos padrões formais da língua, EXCETO em:

- (A) O empresário, que divide o sofá da sala com seus três filhos, tem 67 anos;
- (B) Os filhos, cuja conta bancária é conjunta com o pai, moram com ele no Alto de Pinheiros;
- (C) São três os filhos de Vieira, a quem ele se diz conformado em viver;
- (D) Morar para sempre com os filhos é uma idéia por que o empresário não sente rejeição;
- (E) A fábrica cujo dono tem 67 anos e se chama José Vieira vende peças de plástico.

24. Resposta: C – Questão de regência. Está errado o emprego da preposição “a” antes de “quem”. A preposição adequada seria “com” (quem está conformado, está conformado com algo ou com alguém). Correção: São três os filhos de Vieira, com quem ele se diz conformado em viver (= ele se diz conformado em viver com quem = com os três filhos).

- a) Item correto – Em “O empresário, que divide o sofá da sala com seus três filhos, tem 67 anos” , o emprego do pronome relativo sem preposição está correto (que = sujeito). Veamos: Oração principal: O empresário tem 67 anos; oração adjetiva explicativa: que divide o sofá da sala com seus três filhos. Agora analisemos a oração adjetiva. O pronome “que” substitui a expressão “O empresário” (= O empresário (sujeito) divide o sofá da sala com seus três filhos). Como o termo “que” substitui “O empresário”, então “que” é sujeito (= que – sujeito – divide o sofá da sala com seus três filhos).
- b) Item correto – Em “Os filhos, cuja conta bancária é conjunta com o pai, moram com ele no Alto de Pinheiros”, o uso de “cuja” sem preposição (= sua) está correto, pois o pronome relativo é adjunto adnominal do núcleo do sujeito “conta”. A oração principal é “Os filhos moram com ele no Alto de Pinheiros”; a oração adjetiva explicativa, “cuja conta bancária é conjunta com o pai” (= sua conta é conjunta com o pai).
- d) Item correto – O emprego de “por que” está correto, uma vez que um dos significados de “por que” é “pela qual”. Observemos a substituição: Morar para sempre com os filhos é uma idéia pela qual (por que) o empresário não sente rejeição
- e) Item correto – Em “A fábrica cujo dono tem 67 anos e se chama José Vieira vende peças de plástico” o emprego do pronome “cuja” sem preposição está

correto, pois “cuja” (= sua) é adjunto adnominal do núcleo do sujeito “dono”.  
Oração principal: A fábrica vende peças de plástico; orações adjetivas explicativas: cujo dono tem 67 anos e (cujo dono) se chama José Vieira (= seu dono tem 67 anos e (cujo dono) se chama José Vieira).

25 - "Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos" (l. 26). Sobre o trecho transcrito, é correto afirmar que o sintagma "fácil demais":

- (A) se relaciona com o substantivo "crédito", mas gera ambigüidade por também poder se relacionar com o substantivo "acesso";
- (B) se relaciona com o substantivo "acesso", mas seu posicionamento gera ambigüidade por também poder se relacionar com o substantivo "crédito";
- (C) se relaciona com o substantivo "crédito", mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo "acesso";
- (D) se relaciona com o substantivo "acesso", mas seu posicionamento gera polissemia por também poder se relacionar com o substantivo "crédito";
- (E) se relaciona igualmente com os substantivos "crédito" e "acesso", sem que seu posicionamento gere ambigüidade ou polissemia.

25. Resposta: B – Em "Os jovens tiveram acesso ao crédito fácil demais nos últimos dois anos" o sintagma "fácil demais") se relaciona com o substantivo "acesso", mas seu posicionamento gera ambigüidade por também poder se relacionar com o substantivo "crédito". A ambigüidade é desfeita pelo contexto: os jovens endividaram-se pela facilidade de obterem crédito (= acesso fácil), e, não, pela facilidade do crédito, pois eles têm dificuldade de pagar esse crédito.

26 - "Além de adiar a saída de casa, mesmo depois de terminar a faculdade e arrumar trabalho, esses moços e moças não conseguem ajudar nas despesas da casa, nem tampouco pagar as próprias contas" (l. 12).

Os verbos transitivos desse trecho estão seguidos de complementos, que podem ser substituídos por pronomes oblíquos. A única substituição que se enquadra no padrão prestigiado de linguagem é:

- (A) além de adiar a saída de casa = adiar-lhes;
- (B) depois de terminar a faculdade = terminar-la;
- (C) e arrumar trabalho = arrumá-lo;
- (D) ajudar nas despesas = ajudar-lhes;
- (E) pagar as próprias contas = pagar-lhes.

26. Resposta: C – Sabemos que o objeto pode ser substituído por “o(s)”, “a(s)”; o objeto indireto, por “lhe(s)”. O verbo “arrumar” é transitivo direto (quem arruma, arruma algo), por isso o termo “trabalho” pode ser substituído por “o”. Como o verbo termina em “r”, suprime-se essa letra e acrescenta-se “l” ao pronome oblíquo “o”. Então: arrumar trabalho = arrumá-lo.

Correções:

- a) Item errado – além de adiar a saída de casa = adiá-la; verbo transitivo direto (quem adia, adia algo);
- b) Item errado – depois de terminar a faculdade = terminá-la; verbo transitivo direto (quem termina, termina algo);
- d) Item errado – ajudar nas despesas = ajudar nelas; a expressão “nas despesas” é objeto indireto (= ajudar em alguma coisa);
- e) Item errado – pagar as próprias contas = pagá-las; verbo transitivo direto de “coisa” ( quem paga, paga algo).

27 - Os verbos da frase "Se eles se casarem e vierem para cá com os filhos, serão bem-vindos" (l. 7) estão no futuro simples. Uma das opções abaixo transpõe corretamente os três verbos para suas formas compostas equivalentes. Assinale-a:

- (A) tiverem casado – houverem vindo – terão sido;
- (B) tivessem casado – houvessem vindo – hão sido;
- (C) houverem casado – tiverem vindo – serão tidos;
- (D) estiverem casados – forem vindo – ficarão sendo;
- (E) houvessem casado – tivessem vindo – teriam sido.

Formação dos tempos compostos

Os tempos compostos da voz ativa são formados pelos verbos ter e haver mais o particípio do verbo principal.

Modo indicativo

Pretérito perfeito = presente do indicativo do verbo auxiliar, seguido do particípio do verbo principal.

*Tenho (ou hei) trabalhado.*

Pretérito mais-que-perfeito = pretérito imperfeito do verbo auxiliar, seguido do particípio do verbo principal.

*Eu tinha (ou havia) estudado.*

Futuro do presente = futuro do presente do indicativo do verbo auxiliar, seguido do particípio do verbo principal.

*Eu terei (ou haverei) estudado.*

Futuro do pretérito = futuro do pretérito do indicativo do verbo auxiliar, seguido do **particípio do verbo principal.**

*Eu teria (ou haveria) estudado.*

Modo subjuntivo

Pretérito perfeito = presente do subjuntivo do verbo auxiliar, seguido do **particípio do verbo principal.**

*Que eu tenha (ou haja) estudado.*

Pretérito mais-que-perfeito = pretérito imperfeito do subjuntivo do verbo auxiliar, seguido do **particípio do verbo principal.**

*Se eu tivesse (ou houvesse) estudado.*

Futuro do subjuntivo = futuro do subjuntivo do verbo auxiliar, seguido do **particípio do verbo principal.**

*(quando) eu tiver (ou houver) estudado.*

Formas nominais

Infinitivo impessoal = infinitivo impessoal do verbo auxiliar, seguido do **particípio do verbo principal.** *ter (ou haver) estudado.*

Infinitivo pessoal = infinitivo do verbo auxiliar, seguido do **particípio do verbo principal.**

*(Para) eu ter (ou haver) estudado.*

Gerúndio = gerúndio do verbo auxiliar, seguido do **particípio do verbo principal.**

*Tendo (havendo) estudado.*

Obs.: Presente, pretérito imperfeito, imperativo e particípio não têm formas compostas.

27. Resposta: A – O verbo “casar” está no futuro do subjuntivo. Como vimos na formação dos tempos compostos, a forma composta do futuro do subjuntivo é formada pelo futuro do subjuntivo do verbo auxiliar, seguido do particípio do verbo principal: eu tiver (ou houver) casado, tu tiveres (ou houveres) casado, ele tiver (ou houver) casado, nós tivermos (ou houvermos) casado, vós tiverdes (ou houverdes) casado, eles tiverem (houverem) casado. De igual modo, o verbo “vir” está no futuro do subjuntivo: eu tiver (ou houver) vindo, tu tiveres (ou houveres) vindo, ele tiver (ou houver) vindo, nós tivermos (ou houvermos) vindo, vós tiverdes (ou houverdes) vindo, eles tiverem (houverem) vindo. O verbo “ser” está no futuro do indicativo. Sua forma composta é formada pelo futuro do presente do indicativo do verbo auxiliar, seguido do particípio do verbo principal: eu terei (ou haverei) sido, tu terás

(ou haverás) sido, ele terá (ou haverá) ido, nós teremos (ou haveremos) sido, vós tereis (ou havereis) sido, eles terão (ou haverão) sido.

Assim, a única opção correta é a A: "Se eles se tiverem (houverem) casado e houverem (tiverem) vindo, terão (haverão) sido bem-vindos"

28 - "Dos três irmãos, dois fazem parte de um grupo cada vez mais comum na família brasileira contemporânea" (l. 10).

Assinale a única opção em que a palavra "mais" está empregada com o mesmo valor gramatical da frase acima:

- (A) Eu espero por você o tempo que for; nós vamos estar juntos mais uma vez;
- (B) Não tenho mais dinheiro, atraso o aluguel, não compro alimento;
- (C) Estou tão cansado, mas não pra dizer que não acredito mais em você;
- (D) Espero que aquela jura não tenha ido para mais ninguém;
- (E) E quando o inverno tristonho chegar mais amor eu vou ter pra lhe dar.

28. Resposta: C – No enunciado, a palavra "mais" está empregada com o mesmo advérbio – modifica o adjetivo "comum". Da mesma forma, na opção C, o termo "mais" é advérbio – acrescenta uma circunstância ao verbo.

Comentário:

- a) Item errado – "mais" é pronome indefinido – determinante substantivo "vez";
- b) Item errado – "mais" é pronome indefinido – determinante substantivo "dinheiro";
- d) Item errado – "mais" é pronome indefinido – determinante do pronome substantivo "ninguém";
- e) Item errado – "mais" é pronome indefinido – determinante substantivo "amor".

Observações:

Algumas palavras podem ser pronomes indefinidos ou advérbios. Serão pronomes indefinidos, caso se refiram a substantivos; advérbios, quando se referem a verbos ou adjetivos. Eis algumas dessas palavras: mais, menos, muito, pouco, bastante, tanto, quanto, etc. Como advérbios, os vocábulos são invariáveis.

Pronome: *Comprei muitos livros, poucas revistas, bastantes canetas. /Faça mais deveres e menos brincadeiras ./ Quantos dias passamos juntos!/ Tanto trabalho para nada.*

Advérbio: Trabalho muito ou pouco. / Durma menos e trabalhe bastante. / Estude mais. / **Você é muito inteligente.** / Saiba quanto custou o livro. / Não brinque tanto.

29 - Em "entram na lista negra das entidades de proteção ao crédito" (l. 17), o sintagma em negrito tem a mesma função sintática que o termo destacado em:

- (A) "... José Vieira ainda divide o sofá da sala..." (l. 3 );
- (B) "Além de adiar a saída de casa." (l. 12);
- (C) "...entram na lista negra das entidades..." (l. 17);
- (D) "...universo dos inadimplentes cresce..." (l. 18 );
- (E) "...Antônio Praxedes, vice-presidente da Telecheque." (l. 29 ).

29. Resposta: B – A expressão “ao crédito” é complemento nominal (termo paciente) do substantivo abstrato “proteção” (proteção ao crédito = o crédito é protegido). Na alternativa B, “de casa” também completa o sentido de “saída” (“de casa” é o alvo da saída = alguém sai de casa), portanto é complemento nominal.

Observações:

Complemento nominal ou adjunto adnominal preposicionado?

**Será sempre** complemento nominal **se a expressão regida de preposição estiver ligada a adjetivo ou advérbio.**

*filme impróprio (adjetivo) para menores (c.n.) / relativamente (advérbio) ao livro (c.n.)*

**02. Será sempre** complemento nominal **se a expressão ligada a substantivo abstrato estiver precedida de qualquer preposição, desde que não seja de.**  
*respeito (subs. abstrato) às leis (c.n.) / amor (subs. abstrato) pelo trabalho (c.n.)*

**03. Será sempre** adjunto adnominal **se a expressão preposicionada estiver ligada a substantivo concreto.**

*Casa (subst. concreto) de pedra (a.a.) / Livro (subst. concreto) do professor (a.a.) / Cadeira (subs. concreto) de balanço (a.a.)*

*Obs.: Pelos exemplos dados, só nos resta uma dúvida: quando temos a preposição de, e a expressão se liga a substantivos abstratos.*

Adjunto adnominal – é agente. **Corresponde ao sujeito da voz ativa. É uma locução adjetiva.**

Complemento nominal – é paciente. **Corresponde ao objeto (= sujeito da passiva). É o alvo (o destino) da declaração expressa pelo nome, isto é, o sujeito que recebe a ação.**

a venda da casa (c.n.) – (= vender a casa = (o.d.) a casa é vendida – sujeito paciente) / a venda do proprietário (a.a.) – (= o proprietário vende – sujeito agente) / procura do saber (c.n.) – (= procurar o saber (o.d.) – (= o saber é procurado – s. paciente) / eleição do diretor (c.n.) – (= eleger o diretor (o.d.) – (= o diretor é eleito – s. paciente) / o aviso do diretor(a.a.) – (= o diretor avisa – suj. agente) / têm necessidade de ajuda (c.n.) – (= necessitar de ajuda (o.i.) – ajuda é o alvo da ação)

Comentário sobre as demais alternativas: Todas as expressões destacadas referem-se a substantivos concretos, por isso são adjuntos adnominais.

- a) da sala = adjunto adnominal (= a sala tem sofá);
- c) das entidades = adjunto adnominal (= as entidades têm lista negra);
- d) dos inadimplentes = adjunto adnominal (= os inadimplentes têm um universo);
- e) da Telecheque = adjunto adnominal (= a Telecheque tem vice-presidente).

30 - O adjetivo que os autores utilizam no título é uma das palavras que costumeiramente geram dúvidas ortográficas. Nos casos abaixo, a grafia de ambas as palavras só está correta em:

- (A) mantegueira / aterrissagem;
- (B) cataclismo / adivinhar;
- (C) mortadela / meretíssimo;
- (D) entitulado / embutido;
- (E) prostração / beneficiante.

30. Resposta: B – Os vocábulos “cataclismo” “adivinhar” estão corretamente grafados.

Correção dos vocábulos apresentados com erro:

- a) manteigueira;
- c) meritíssimo;
- d) intitulado;
- e) beneficente.